

A grande guerra no século XXI é a da verdade contra a liberdade

Temos deixado adormecida a máxima do filósofo inglês Herbert Spencer de que 'a liberdade de cada um termina quando começa a liberdade do outro'

Por *Tatiana Salem Levy*

Valor, 03/01/2025

Mais para o fim do espetacular romance “O colibri”, de Sandro Veronesi (trad. Karina Jannini, Autêntica Contemporânea), o narrador, ao resumir a vida da neta do protagonista, mostra que ela é uma importante lutadora na guerra feroz entre verdade e liberdade. Miraijin, predestinada a ser o homem do futuro, em realidade é uma mulher. Quando ela nasce, a mãe, Adele, diz ao avô da criança: “Viu só, papã? Começamos bem. O Homem do Futuro é uma Mulher”.

É uma mulher e conjuga no corpo os povos africanos, ocidentais e asiáticos. Mas não se trata de um romance de ficção científica, embora o pai do protagonista fosse um grande leitor do gênero e tenha deixado uma coleção de mais de 800 livros de herança. Há apenas o vestígio dessas leituras no que diz respeito ao futuro, que surge não como utopia, nem como distopia, mas como heterotopia. Miraijin é o homem-mulher desse outro espaço, desse outro tempo. E percebeu, como seus antepassados não haviam percebido, embora estivesse em evidência, que a grande guerra da humanidade no século XXI é a da verdade contra a liberdade.

Isso porque a liberdade já foi “transformada em um conceito hostil, que arreganha os dentes e é imperdoavelmente plural - as liberdades, as infinitas liberdades nas quais essa palavra terá sido desmembrada; (...) liberdade de não se submeter às leis que nos desagradam, de não respeitar os valores fundamentais, a tradição, as instituições, o pacto social, os acordos assumidos no passado; liberdade de não nos rendermos diante das evidências; liberdade de nos insurgirmos contra a cultura, contra a arte e contra a ciência; (...) de não vacinar, (...) de não acreditar nos fatos documentados e, em vez disso, liberdade de acreditar nas notícias falsas e produzi-las, bem como liberdade de produzir emissões danosas, lixo tóxico, resíduos radioativos; liberdade para que as mulheres sejam machistas, para que os homens sejam sexistas; (...) para rechaçar os refugiados, (...) liberdade de ser cruel, incorreto, egoísta, ignorante, homofóbico, antisemita, islamofóbico, racista, negacionista, fascista, nazista”.

Cito esse trecho longo porque acho necessário começarmos o ano de 2025 (e lá se vai um quarto de século...) refletindo sobre aquilo que estamos fazendo sob o pretexto da liberdade. Sem dúvida, temos usado mal esse conceito tão estruturante das repúblicas modernas, e temos deixado adormecida a máxima do filósofo inglês Herbert Spencer de que “a liberdade de cada um termina quando começa a liberdade do outro”. E este outro deve ser entendido também como floresta, animais, oceanos, minerais, o direito dos outros seres de também existirem. Algo que a nova geração está percebendo muito melhor do que nós - e ainda bem.

Mas o fato é que, nessa luta contra a verdade, a liberdade, tal como definida pelo narrador do romance de Veronesi, tem levado cada vez mais a melhor. Não é à toa que os EUA têm pela segunda vez Donald Trump como presidente, talvez o maior - mas não esqueçamos o nosso predecessor - entusiasta da liberdade de ser imbecil, xenófobo, anticiência e por aí vai. E qual a salvação para isso? Com que armas podem lutar aqueles que ficam do lado da verdade?

Sem dúvida, há muitas respostas possíveis para essas perguntas, apesar da sensação constante de estarmos vivendo uma encruzilhada da qual aqueles que amam a verdade sairão perdedores, engolidos pela inteligência artificial, as redes sociais, e tudo aquilo que nos tira o que temos de mais precioso: tempo, sentido crítico, inteligência humana, memória, alegria, relacionamentos.

No último mês, o que mais vi ao rolar pelo Instagram e pelo Facebook foram vídeos e comentários sobre o mal que as telas e as redes sociais nos fazem. Inspirados pelo livro “A geração ansiosa”, de Jonathan Haidt, que espero conseguir ler em breve, há nas redes imensos discursos contra as redes. Contradição? Sem dúvida. Me dei conta do tempo que eu perdia lendo posts contra o Instagram no Instagram, então decidi, como faço de vez em quando, desativar a minha conta temporariamente. Temporariamente, porque no mundo de hoje é difícil não estar lá, nem que seja de forma esporádica - para divulgar um livro, um curso, um artigo...

Mas também é importante suspender, parar, fazer uma pausa. E, se possível, fazer um retorno a essa tecnologia antiga mais conhecida como livro. Estava com uma saudade enorme de ler só pelo prazer, sem pensar em aulas, ensaios etc. Ler um bom romance - como gosto disso! Então escolhi “O colibri”, um dos romances dos quais mais ouvi falar em 2024, mas que ainda não tinha conseguido pegar. É, sim, tão bom quanto falam por aí. Aliás, a Itália tem nos presenteado com autores incríveis: Domenico Starnone, Liza Ginzburg (e sua maravilhosa avó, Natalia, descoberta e admirada no Brasil mais recentemente), Elena Ferrante, Sandro Veronesi. Gosto muito desses autores, que têm uma prosa densa, consistente, ao mesmo tempo nos agarram pelas histórias que contam, pelos personagens fascinantes.

Autores que, através da ficção, nos deixam cara a cara com a verdade. E, com a verdade, nos fazem pensar sobre os valores, sobre a ética, sobre a bondade e a maldade, sobre as contradições, tudo aquilo de que somos feitos.

“O colibri” é um romance sobre uma família disfuncional (não mais do que a grande maioria das famílias), sobre o luto, sobre amores impossíveis, sobre como educar mal e como educar bem uma criança. Ao longo da narrativa, vamos vendo pais que se recusam a olhar verdadeiramente para seus filhos, que se recusam a ouvir o que dizem professores e psicólogos, ou, pior, o que dizem as próprias crianças. E isso tem sempre consequências. Às vezes, profundamente dolorosas.

Um dos mais belos momentos desse romance, todo ele belo, é o texto que Marco Carrera, o protagonista, apresenta num congresso de oftalmologia, sua profissão. Aparentemente, um texto nada científico, mas poético, sobre a demanda da neta de que o avô largue o telefone e olhe para ela; sobre como o olhar, ao contrário do que se pensa, é um ato - estético, existencial, que pressupõe sempre a implicação corporal do sujeito. Olhar nunca é sinônimo de

passividade. Portanto, precisamos escolher bem para onde olhar: para as telas ou para as montanhas? Para as telas ou para os livros? Para as telas ou para o mar? Para as telas ou para as crianças? Quem acha que essa decisão não é política, que não é responsável por aquilo que somos e, sobretudo, aquilo que seremos, devia ao menos fazer a experiência. Deem-se de presente, como resolução para o ano que começa, ficar um mês sem tela; um mês, só com livros, de preferência, de papel.

Depois me contem. Feliz ano novo.

Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente
E-mail: tatianalevy@gmail.com